



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

LUCAS DUTRA LAVOYER

RA: 20807573

JORNALISMO PEDAGÓGICO

Um estudo de caso sobre aplicação do jornal em sala de aula

Brasília

Junho 2011

LUCAS DUTRA LAVOYER

JORNALISMO PEDAGÓGICO

Um estudo de caso sobre aplicação do jornal em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Comunicação Social com
habilitação em jornalismo do
Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília

Junho 2011

LUCAS DUTRA LAVOYER

JORNALISMO PEDAGÓGICO

Um estudo de caso sobre aplicação do jornal em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Comunicação Social com
habilitação em jornalismo do
Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Banca examinadora:

Prof. Luiz Cláudio Ferreira

Prof. Cláudia Busato

Prof. Severino Francisco

Brasília

Junho 2011

RESUMO

Este projeto tem como objetivo principal analisar e discutir o uso do jornalismo como instrumento pedagógico nas instituições de ensino. Além da realização de um estudo de caso, para levantar dados que comprovem resultados satisfatórios do jornal em sala de aula, quanto aos desenvolvimentos acadêmico, social e cultural dos alunos, também foram feitas várias entrevistas com educadores e profissionais da área de Educação.

Palavras-chave: Jornalismo; Pedagogia; Desenvolvimento Acadêmico; Benefícios aos Alunos; Jornal Escolar.

SUMÁRIO

Introdução _____	06
1. Desenvolvimento da criança _____	09
2. Papel social do jornalismo _____	13
3. Benefícios pedagógicos e psicológicos _____	17
4. Como deve ser usado o jornal em sala de aula _____	22
5. Projeto “Leio e Escrevo Meu Futuro” _____	34
Considerações finais _____	37
Bibliografia _____	39

1. Introdução

Entre muitos benefícios que veremos a seguir, esta pesquisa parte da premissa que o incentivo à prática e leitura do jornalismo, nas instituições de ensino médio e fundamental, claramente pode ajudar no crescimento acadêmico e psicológico do aluno. O jornal escolar também consegue auxiliar no desenvolvimento do senso crítico de jovens, oferecendo direcionamento e base cultural para indagações e questionamentos a respeito da sociedade em que vivem. A partir do momento em que mentes juvenis em fase de aprendizado entram em contato com a produção e leitura de periódicos noticiosos, supervisionados por um educador, há um contato importantíssimo com um instrumento pedagógico que tem o poder de trabalhar aspectos relacionados à formação de bons cidadãos. A meu ver, o uso do jornalismo nas escolas deveria ser mais bem explorado pelo sistema de educação do Brasil, conforme veremos neste trabalho.

Os recursos do jornalismo, quando manejados e adaptados de forma coerente para ser utilizado com crianças de idades variadas, podem estar presentes em sala de aula para acrescentar fundamentos de suma importância para as preparações de suas respectivas vidas futuras. A leitura e produção de textos acerca da vida cotidiana seria, segundo especialistas no assunto, essenciais para reger futuros profissionais bem-sucedidos. Tratarei, nos capítulos que seguem a frente, a maneira que julgo ser a mais correta de fazer e usar o jornal escolar, com objetivo de explorar ao máximo o uso deste instrumento pedagógico.

Ironicamente, a ideia de estudar o uso de uma mídia impressa nas escolas surgiu de uma mídia eletrônica: a televisão. Reparei que muitos programas, principalmente os que têm adolescentes e crianças como público alvo, filmados em ambiente escolar, mostram a eficiência do jornalismo como instrumento de educação em suas respectivas culturas (geralmente a norte-americana).

Por exemplo, o seriado *Everybody Hates Chris* (exibido em canal aberto pela Rede Record, com o nome de *Todo Mundo Odeia o Chris*), baseado em fatos reais, resgata no episódio 22, da terceira temporada, “Todo mundo odeia

Formatura”, a presença do jornalismo na escola *Corleone Jr. High School*, frequentada pelo protagonista e considerada uma das melhores instituições de ensino de Nova Iorque da década de 1980.

A partir do momento em que percebi que o jornalismo poderia ser usado como um recurso pedagógico analisei, com auxílio de livros, televisão, textos e internet, países que aderem a este recurso de ensino em seus respectivos sistemas de educação, como acontece nos Estados Unidos e países europeus como a França, Holanda, Suíça, entre outros. Após realizar esta análise, percebi que apresenta resultados positivos visíveis. A meu ver, fórmulas de incentivo ao conhecimento que podem facilmente ser trabalhadas em sala de aula devem ser adotadas. O jornal escolar não custa caro e não contém enormes dificuldades para ser utilizado.

Para desenvolver todos os aspectos deste projeto, foi necessária a realização de um estudo de caso. Esta metodologia considera a investigação do objeto e engloba o levantamento de dados e fatos que identificam e estudam melhor um determinado problema, com objetivo de revelá-lo à sociedade e achar um modo de consertá-lo, caso haja como. O estudo de caso é um método qualitativo e se baseia em pesquisas e investigações em ciências sociais para o levantamento de problemas sociais. Foi criado na *Harvard Business School* na década de 1920, e concentra suas características em pesquisa bibliográfica acerca do assunto em questão, levantamento de dados dos objetos, apuração de informações relevantes, observação e entrevistas para junção de resultados. Pode ser dividido em três diferentes vertentes: explanatórios, exploratórios e descritivos.

Em breve descrição das três características do estudo de caso, podemos destacar os seguintes pontos: o aspecto exploratório exige pesquisa de campo e levantamento de dados para formulação de hipóteses; o descritivo aponta a fundamentação teórica que sustenta o objeto do determinado projeto; e o explanatório consiste na consideração de proposições rivais e análise de evidências em torno destas. Ou seja, os recursos descritivo e exploratório fundamentalmente completam o explanatório e formam um estudo de caso completo.

Para a compreensão desta metodologia, adotei embasamentos teóricos do livro “Estudo de Caso: Planejamento e Métodos”, de Robert K. Yin, considerado o maior estudioso desse método.

Com a definição do estudo de caso definido, dividi o projeto em duas partes. Na primeira, há apresentação e argumentação de toda fundamentação teórica utilizada. Pesquisadores e teóricos como Celéstín Freinet, Maria Alice Faria, Gilberto Dimenstein, Alberto Dines, Roseli Araújo Batista, Jean Piaget, Marta Kohl de Oliveira, Hiran Pinel e Lev Vygotsky contêm os principais textos explorados no tema relacionado a este trabalho.

Encerro esta introdução com uma frase de Freinet, que encabeça os ideais deste projeto: “A criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu” (p. 30, 1974).

1. Desenvolvimentos da criança

Antes de adentrar o uso do jornal impresso como recurso pedagógico, procuremos entender o processo de desenvolvimento da formação psicológica, social e acadêmica das crianças. Para melhor entendimento do tema central do projeto em si, é importante entender como funciona o universo da mente infantil em suas respectivas idades. Procuo agora responder perguntas como: com que idade começa-se a desenvolver censo crítico? Quando os primeiros sinais de vaidade podem influenciar na criação e publicação de textos? Quando surgem as primeiras noções sociais? Quando se desenvolvem julgamentos morais? Entre outras.

Jean Piaget, epistemólogo suíço do século XX, famoso por suas pesquisas com crianças, é responsável por um estudo sobre a síntese de desenvolvimento moral dos jovens. Acerca deste tema, Piaget monta uma teoria que mostra e explora os aspectos de comportamento moral, desenvolvimento de regras e de julgamentos morais, desenvolvidos de acordo com a idade da criança. Ao analisar os textos de Hiran Pinel, em “Psicologia Genética de Jean Piaget”, montei este quadro com as principais informações estudadas por Piaget:

Período	Comportamento Moral	Desenvolvimento de Regras	Desenvolvimento de Julgamentos Morais
Entre 4 e 7 anos (egocentrismo)	<ul style="list-style-type: none">■ Não seguem as regras, mas acreditam cumpri-las■ Jogam em grupo e/ou individualmente■ Não entendimento e/ou	<ul style="list-style-type: none">● Caráter sagrado das regras, criadas por uma autoridade● “Quebram” as regras por desconhecimento	<ul style="list-style-type: none">◆ Realismo moral (quantidade dos danos e não intenção)◆ Prestígio pelo outro (respeito unilateral)◆ Não se coloca no lugar do outro

	<p>impedimento</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Não há competição (todos ganham) ■ Regras comuns ■ Há assimilação 		
Entre 7 e 10 anos	<ul style="list-style-type: none"> ■ Caráter social (buscam seguir regras) ■ Competição (só há um vencedor) 	<ul style="list-style-type: none"> ● Caráter sagrado das regras, criadas por uma autoridade ● Recusa qualquer modificação ● Prestígio de quem ensina 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Coloca-se no lugar do outro ◆ Critério mais subjetivo (sentimentos e intenções)
Entre 11 e 12 anos	<ul style="list-style-type: none"> ■ Vencer: de acordo com as regras ■ Prazer em formular e reformular regras 	<ul style="list-style-type: none"> ● Consentimento mútuo na aceitação das regras ● Repensam suas regras (noção de moralidade) 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Coloca-se no lugar do outro ◆ Critério mais subjetivo (sentimentos e intenções)

Este quadro permite inferir que o jornalismo usado em sala de aula iria além de conceitos pedagógicos. Características psicológicas podem ser lapidadas e trabalhadas com a implantação do jornal escolar, como implícito no estudo de Piaget.

Para o manuseio e/ou produção de um jornal, tanto adulto quanto escolar, é necessário entendimento de regras, moralidade e noções de julgamento, o que começa a se desenvolver em crianças a partir dos sete anos,

tornando esse instrumento pedagógico (o jornal escolar) indicado e útil para observar, estudar, entender e lapidar o comportamento dos alunos sobre esses conceitos psicossociais. Pinel, em sua obra sobre os estudos de Piaget, aplica que:

O desenvolvimento do poder do cérebro não está fixado no nascimento, mas é uma função da atividade apropriada durante qualquer estágio particular. As crianças devem ocupar-se com atividades apropriadas e não apenas em sentar-se e escutar ou observar outros. A equação de Piaget – Inteligência = Atividade – vale tanto para crianças como para adolescentes.

Para os alunos maiores de 11 anos, é óbvia a necessidade de dispor de experiências escolares para promover o pensamento lógico-formal. A abordagem “mãos à obra” é altamente recomendável, muito mais que a observação passiva de filmes, peças teatrais, concertos musicais, visitas a museus, etc. (2002, p. 63)

Nesse trecho, pode-se observar que o jornal escolar claramente consegue empenhar o papel de “mãos à obra”, destacado como importante para o pensamento lógico-formal da criança.

Outro autor que concentra estudos e obras sobre processos de aprendizagem infanto-juvenil é Lev Vygotsky, psicólogo russo do século XX. Responsável por pesquisas que mostram a relação das interações sociais e condições de vida com o crescimento intelectual das crianças, Vygotsky foi objeto de Marta Kohl de Oliveira, no livro “Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um processo sócio-histórico”.

Sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, Vygotsky, abordado na obra de Kohl, diz:

Os significados continuam a ser transformados durante todo o desenvolvimento do indivíduo, ganhando contornos peculiares quando se inicia o processo de aprendizagem escolar. Então se realiza a intervenção deliberada do educador na formação da estrutura conceitual das crianças e adolescentes. As transformações de significado ocorrem não mais apenas a partir da experiência vivida, mas, principalmente, a partir de definições, referências e ordenações de diferentes sistemas conceituais, mediadas pelo conhecimento já consolidado na cultura. (1993, p. 50)

O significado remete ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de formação de palavras. Consiste em compartilhar um núcleo de

compreensão estável para todas as pessoas que utilizam determinada palavra. Logo, é possível inferir, ao realizar análise dos fundamentos de Vygotsky, que experiências de vida e métodos conceituais que envolvem aspectos culturais, principalmente, auxiliam nos processos de desenvolvimento intelectual das crianças na escola. O jornalismo é apropriado de características capazes de resgatar, envolver e trabalhar questões culturais aos jovens, caso estes tenham acesso às mídias noticiosas certas.

Quanto ao papel das intervenções pedagógicas e dos professores, Vygotsky acredita que ambos têm o poder de mediar e interferir diretamente no crescimento educacional e acadêmico das crianças. Kohl define:

Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal (conceito de Vygotsky acerca de funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação) dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. (1993, p. 62)

Ou seja, há atribuição de características marcantes ao professor, e seu método pedagógico, na promoção dos ensinamentos escolares. A criança sem acompanhamento adequado tem dificuldade para percorrer o caminho da aprendizagem.

Se a intervenção dos educadores é fundamental para desenvolvimento de indivíduo, como Vygotsky defende e foi visto nos parágrafos anteriores, é recomendável o desfrute de métodos e instrumentos pedagógicos que podem auxiliar no processo de ensino e formação psicológica dos alunos.

Após entendermos um pouco sobre os desenvolvimentos da moralidade, atribuição de regras e julgamento, de acordo com a idade, além de estudos sobre atividades apropriadas com fins acadêmicos, de Piaget, e a importância da mediação dos educadores e interferências pedagógicas de Vygotsky, podemos entrar de fato no uso do jornalismo em sala de aula.

Os próximos dois capítulos enfatizarão, principalmente, as ideias refletidas nas obras de Celéstín Freinet e Maria Alice Faria, quanto aos benefícios pedagógicos e psicológicos do jornal escolar.

2. Papel social do jornalismo

O processo de produção em grande escala de jornais impressos só pôde acontecer após o surgimento do tipo móvel de Gutemberg, em 1447. A tipografia possibilitou maior agilidade para trabalhar com impressos e fatalmente foi responsável pelas primeiras publicações periódicas.¹

A produção jornalística caminha paralelamente com as necessidades momentâneas. As primeiras publicações, que aconteceram entre os séculos XVI e XVII, na Europa Ocidental, tinham como público alvo os comerciantes e focavam em temas mercantis.

Acerca do primeiro jornal do mundo, a Associação Mundial dos Jornais, entidade global que representa mais de 18 mil publicações, sediada em Paris, acredita, desde 2005, que foi criado em 1605, por Johan Carolus, em Estrasburgo (que na época fazia parte do império alemão. Atualmente localiza-se na França). Evidências encontradas no Museu Gutemberg, em Mainz, na Alemanha, apontam que Carolus, sob o jornal de título *Relationen*, recebia notícias de outras cidades, escrevia à mão e vendia para associados.

A partir das primeiras duas décadas do século XVII, vários jornais periódicos surgiram pela Europa, em países como Alemanha, Inglaterra e França. Entre os assuntos das publicações estão notícias internacionais e nacionais, mas bastante censurado. Só em 1766 surgiu a primeira lei que combatia a censura, na Suécia, mas não entraremos a fundo no assunto, pois não é o foco principal do nosso projeto.

O jornalismo sofreu um avanço considerável no século XIX, quando surgiu o telégrafo. As notícias puderam ser transmitidas com velocidade muito mais rápida, agilizando o processo de publicação e começando a utilizar o tempo como fator determinante de diferenciação entre os veículos (a publicação de notícias quentes era pouco explorado até então, por motivos óbvios).

O conteúdo histórico desta página foi retirado de apostilas da disciplina de História da Comunicação

É a partir do final do século XIX e começo do XX que o jornalismo se torna fundamental para a sociedade. Os jornais impressos atingem maior número de leitores e, por conseqüência, surgem grandes grupos editoriais que se especializam em produção e publicação de notícias. Os veículos passam a definir e veicular de acordo com fatores que se encaixam nos principais valores de notícia, como relevância, ineditismo, proximidade e tamanho.

Com o grau de importância que o jornal impresso passa a ter entre os séculos XIX e XX, pode-se observar que também adquire papel social fundamental. O principal aspecto que mostra tal evidência é o conceito de servidor público que o jornalismo recebe. No livro “Teorias do jornalismo”, do português Nelson Traquina, a mídia noticiosa, através de estudiosos e historiadores, é apontada como o “quarto poder”, o que significa que o jornal fundamentalmente deve fiscalizar os outros três poderes (Judiciário, Legislativo e Executivo) e assuntos políticos. Traquina relata:

Segundo o historiador George Boyce, a imprensa atua como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes (Boyce, 1978:21). Os jornais eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível. Portanto a legitimidade jornalística está na teoria democrática e, segundo os seus teóricos, assenta claramente numa postura de desconfiança (em relação ao poder) e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder. (2005, p. 47)

Ou seja, o Jornalismo é determinante para cumprir a função de investigar os outros poderes e, também, revelar para os leitores o que há de errado, adquirindo, desta maneira, filão de servidor público. Isso é importante para ser trabalhado pelas crianças já em sala de aula. O educador precisa mostrar aos alunos a necessidade de acompanhar e entender notícias que envolvam política, entre outras editorias, para, diretamente, compreenderem como o mundo funciona.

Porém, há também um problema, quanto à essas questões políticas, que pode ser trabalhado em sala de aula para tornar-se menos efetivo. O jornal pode ser um instrumento político de duas vertentes: do próprio governo, que muitas vezes utiliza os veículos para impor ideais políticos, e do leitor, que o usa para ter conhecimento sobre a situação política que o cerca. Então, os

veículos decidem que partido tomar e a quem favorecer. Ao analisar o uso do jornalismo pelo governo, pode-se notar uma teoria também presente no livro de Traquina. A teoria de ação política exprime essa questão e deveria ser estudada pelos educadores escolares para ser apontada aos alunos em sala de aula, visando projetar futuros leitores mais críticos e, talvez, céticos:

Assim, nas *teorias de ação política*, os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certos interesses políticos: na versão de esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc. (2005, p. 163)

A estudiosa Alessandra Aldé, em sua obra intitulada “A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa”, também estuda o papel social do jornalismo e aponta:

A necessidade de conquistar e manter o favor popular, a ser periodicamente confirmado através das eleições, torna seu conhecimento cada vez mais importante tanto em termos estratégicos, para a condução do Estado e organização da sociedade, quanto em termos normativos, na medida em que em que é preciso incorporar este novo ator político, o cidadão comum, ao modelo de democracia a ser adotado como legítimo. O papel mais ativo previsto para o cidadão pelos modelos democráticos traz novas questões, principalmente em relação à informação sobre a política como pré-requisito para sua participação, ainda que mínima, em uma esfera pública definida como racional e tendendo ao bem comum. (2004, p. 13)

É fundamental que os jovens tenham contato com política, entre outras editoriais complexas, o quanto antes, para estarem mais preparados ao terem de encarar textos acerca desses assuntos.

Outros aspectos se enquadram perfeitamente no fator social do jornalismo, como: informar o leitor, denunciar, alertar e mostrar assuntos que não vêm a público naturalmente. Professores precisam e devem usar um jornal em sala de aula para identificar esses fundamentos aos alunos. As crianças e jovens têm de compreender a importância social do jornalismo antes

de o usarem para trabalhos acadêmicos. Ao entender isso, é mais fácil tornarem-se leitores frequentes.

Logo, pode-se dizer que o jornalismo mantém um papel social de um servidor público, a partir do momento em que é responsável por apurar e denunciar textos que prestam serviços importantes à sociedade.

3. Benefícios pedagógicos e psicológicos

Defendi veemente neste projeto o conceito de que o jornalismo implantado nas escolas, tanto como leitura, quanto produção, e usado de maneira adequada pelos educadores, trabalharia uma série de características fundamentais para ensinamentos e aprendizado dos alunos.

Há duas vertentes principais que englobam o jornal escolar, quanto aos benefícios que podem ser obtidos: desenvolvimentos pedagógicos e psicológicos.

Além de envolver constantemente a escrita e leitura, o processo de produzir, ou apenas usar, um jornal englobaria fatores que auxiliariam as crianças em outras questões pedagógicas, como: aumento de vocabulário, atenção na ortografia, atenção no desenrolar de fatos e histórias, organização e planejamento de ideias, organização pessoal, cumprimento de prazos, aproveitamento de oportunidades, entre outras.

O francês Celéstín Freinet destacou-se no século XX por estudar novos métodos pedagógicos para auxílio na educação. Entre estes métodos está o uso do jornalismo em sala de aula. Em sua obra intitulada “O Jornal Escolar”, Freinet resgata a produção e utilização de um veículo impresso nas instituições de ensino como técnica válida de educação. Segundo Freinet:

Estamos actualmente na aurora de um novo período: a imprensa impôs a tal ponto a sua soberania que mesmo o manual mais rico não passa de um “ersatz” da riqueza gráfica posta à disposição de todos pela técnica contemporânea. A própria escrita manuscrita tende a minimizar-se num mundo em que a máquina de escrever, a polígrafa, o disco, a rádio, o cinema, a televisão, o gravador, intensificam e aceleram a intercomunicação e as trocas [...] Que devem tomar-se grandes precauções, de forma a garantir segurança numa evolução que afecta o potencial vital das gerações, não há dúvida. Mas não é menos verdade que os princípios de modernização admitidos pela indústria são evidentemente válidos em educação, que um atraso técnico resulta sempre, em última análise, num atraso de civilização e que o progresso social do nosso mundo em crise necessita de uma modernização paralela dos nossos métodos e dos nossos utensílios de trabalho escolar. (1974, p. 11 e 12)

É essencial adequar ao máximo as formas de educar com as exigências mundanas. O jornal escolar pode resgatar, dependendo da instituição de ensino, a relação do aluno com instrumentos tecnológicos que muitos possuem em casa e que serão objetos de trabalhos acadêmicos e profissionais em seus futuros, como computadores, notebooks, câmeras digitais, softwares de edição de textos e imagens, etc.

Como mostrei no capítulo anterior, Piaget e Pinel defendem o conceito de “mãos à obra” às crianças, quanto aos fundamentos relacionados ao aprendizado. É justamente isto que o jornalismo em sala de aula pode trazer de melhor, a partir do momento em que a realização de constantes atividades em grupo e que abordam o universo cotidiano social e acadêmico desses estudantes se faz obrigatoriamente necessária.

A vontade de escrever e mostrar suas matérias para seus respectivos colegas, amigos e parentes, resgata o poder de incentivo a leitura e escrita que o jornal escolar tem. A cada história e fato descrito em textos pela criança, mais há prática de redação, ortografia e vocabulário.

Ensinamentos da língua (no nosso caso, língua portuguesa) são bastante visados e exercitados com o jornal escolar. Segundo Freinet:

A obsessão de um ensino metódico da língua poderá ser dominada na aula com o jornal escolar. Usando um método natural, sem redações formais sem repisamento gramatical, poderá atingir-se: uma expressão correta e viva, cujo valor é sancionado pelos exames habituais; uma ortografia natural, livre de todas as crises de dislexia, para as quais uma pedagogia morta em vão procura remédios; um desejo, uma necessidade de escrever e de ler, de experimentar e calcular que estão na base de uma formação de cultura. (p. 81 e 82)

Incitar e incentivar alunos a adquirir hábitos de leitura e escrita faz com que as crianças tenham mais experiências mundanas, imprescindíveis para um crescimento sadio que visa estabelecer padrões culturais a estes jovens. Caso esses trabalhos envolvam textos variados, de temática espontânea e livre e sobre o universo vivido pelos jovens, têm mais chances de obter êxito quanto a esta formação cultural.

O desenvolvimento dessas questões culturais se relaciona diretamente com a transformação das crianças em futuros cidadãos. O livro “O Cidadão de Papel”, escrito pelo jornalista Gilberto Dimenstein, aponta esta ideia de trabalhar a cidadania nas escolas do Brasil e mostra que o jornalismo é um instrumento de bastante utilidade neste quesito. Quando nasce o conceito de cidadania em um jovem, fatalmente há também desenvolvimento em seu pensamento crítico social, vontade de luta por Direitos Humanos e aumento de curiosidade. Estes fatores podem ser praticados com o jornalismo nas instituições de ensino. Segundo Gilberto Dimenstein, em “O Cidadão de Papel”:

Nem todo mundo consegue entender o que está escrito nos jornais. Sua linguagem está cheia de conceitos como inflação, estagflação, dívida social, imposto progressivo, sonegação, PIB, crescimento populacional, renda per capita, CPI, Procuradoria-Geral da República, Estado de Direito Democrático, entre muitos outros. Sem entender o que significam essas palavras, impossível saber o que é cidadania. (2000, p. 18)

No trecho citado, Gilberto Dimenstein nos mostra a importância de trabalhar o mundo dos adultos com as crianças. Entender e saber como ler um jornal claramente influencia e faz parte do processo de formação de um cidadão. Caso trabalhado já nas escolas, mediado por educadores com poder de seleção do que pode vir a ser explorado, os jovens teriam maior embasamento crítico social nesta questão, além de tornarem-se mais curiosos e dispostos à busca por respostas.

Essa linguagem técnica apontada por Dimenstein, também é alvo de outros benefícios pedagógicos, de acordo com Maria Alice Faria, doutora em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo (USP). Em seu livro “Como usar o jornal na sala de aula”, Faria acolhe o uso do jornalismo como um objeto de “padrão de escrita”. Por se tratar de um país de gigante extensão territorial e vários aspectos de regionalismo divididos entre sua área, o jornal pode ser utilizado para orientar um “português-padrão” aos alunos e educadores na hora de corrigir deveres escolares, por conter textos técnicos. A doutora da USP diz que “os bons jornais oferecem, tanto aos professores como aos alunos, uma norma padrão de escrita que sirva de ponto de referência para a correção na produção de textos” (2002, p. 11).

Faria defende o uso do jornalismo em sala de aula para o aprendizado das línguas, quando nos diz que “O jornal na sala de aula vista justamente dar ao professor a oportunidade de ensinar a língua de maneira pragmática, espontânea, partindo sempre de assuntos encontrados nos jornais que interessem os alunos” (1996, p. 15).

Não há dúvidas de que o jornal pode ser um importantíssimo objeto com capacidade de inserção dos seus respectivos leitores a assuntos sociais, culturais e profissionais. Fica claro que usado na escola, possui o poder de fazer com que os alunos notem e interajam com posturas ideológicas diferentes, o que enfatiza ainda mais as ideias e fundamentos apontados nos parágrafos anteriores. Com as notícias julgadas como interessantes e separadas pelo professor, o periódico noticioso é capaz de preparar alunos em leitores mais críticos e cultos.

A imprensa detém vários tipos textuais em suas publicações. É fácil observar que as notícias podem diversificar entre textos objetivos, notas, crônicas e até literatura, entre outros, nos jornais. Se organizado e selecionado de forma correta pelo educador, há o contato do aluno com enorme variedade de tipos textuais, acerca dos mais distintos temas.

Maria Alice Faria, em “Como usar o jornal na sala de aula”, acolhe o uso do jornalismo como um objeto de “padrão de escrita”. Por se tratar de um país de gigante extensão territorial e vários aspectos de regionalismo divididos entre sua área, o jornal pode ser utilizado para orientar um “português-padrão” aos alunos e educadores na hora de corrigir deveres escolares, por conter textos técnicos. A doutora da USP diz que “os bons jornais oferecem, tanto aos professores como aos alunos, uma norma padrão de escrita que sirva de ponto de referência para a correção na produção de textos” (2002, p. 11).

Os textos produzidos pelas crianças fatalmente servem para seus respectivos educadores e, principalmente, pais ou responsáveis entenderem e participarem mais de suas vidas, ao conseguir entrar no universo cotidiano vivido por elas através de suas produções. O uso do jornal escolar revela a verdadeira linguagem infantil.

Os alunos passam a prestar mais atenção e atribuir valores maiores às histórias que os cercam. Além disso, de acordo com Freinet, os produtos do jornal ficam em memória e material guardados para sempre:

Por meio da imprensa e do jornal escolar, os momentos memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente sob uma forma que desafiará os anos, como aquelas fotografias de família a que a luz dos séculos não conseguirá nunca apagar os traços. Esquecemos o que abrangia o programa escolar de uma certa segunda-feira, mas lembramos-nos do pedaço de vida que redigimos e imprimimos, do jornal no qual foi incluído, dos desenhos e línos que o realçavam, das impressões trocadas, das interrogações feitas e das respostas obtidas, dos textos lidos e dos poemas saboreados. (p. 83 e 8)

Logo, o jornal escolar pode ser visto como duas janelas distintas. Uma delas é a janela para o mundo, pelas crianças. A outra é a janela para o universo infantil, pelos educadores e pais.

4. Como deve ser usado o jornal em sala de aula

Neste capítulo, apontarei como acredito ser a melhor maneira de utilizar o jornalismo em sala de aula. Considero importante a divisão de duas etapas diferentes, ao longo do ano letivo escolar, para que os alunos obtenham resultados mais satisfatórios, quanto aos aprendizados pedagógicos e psicológicos.

Primeiramente, um jornal impresso, no formato standard tradicional, deve ser apresentado aos alunos pelos educadores, para ser analisado, estudado e compreendido, para depois conseguirem fundamentar a segunda parte, a produção em folha simples de tamanho A4. Preferencialmente, deve constar na disciplina de Língua Portuguesa, pois sem dúvidas é a mais afetada com os benefícios desse recurso pedagógico. Caso não seja possível alterar as aulas nas instituições de ensino, que por muitas vezes são conservadoras e tradicionais ao extremo, pode-se optar em produzir o jornal como item escolar opcional, em períodos diferentes das aulas frequentadas pelos interessados.

Para funcionar de maneira eficaz, acredito que a divisão dessas duas etapas do uso do jornal em sala de aula deva acontecer entre os dois semestres do ano letivo acadêmico. Alunos de diferentes idades, dos ensinos fundamental e médio, sempre orientados por um professor, podem e precisam ter acesso aos veículos noticiosos para aprenderem o básico, de como é estruturado um jornal, antes de começarem a botar a “mão na massa”. Mas entendo que este trabalho apresente características mais centradas aos estudantes do ensino médio, por terem mais base para obter resultados mais satisfatórios.

Quanto à primeira parte do trabalho, é necessário, para os estudantes, aprenderem, primeiramente, a identificar certos aspectos nos noticiários impressos tradicionais para adquirirem base e certo entrosamento, visando atingir maior facilidade na hora de produzir os textos para o jornal escolar. Sobre estes aspectos, cabe ao educador apontá-los. Identificar editorias e manchetes, aprender utilidade e intensidade de fotografias, ilustrações e infográficos, entender a estrutura de construção de notícia, priorizando o que é mais relevante (a partir do *lead*), notar imparcialidade e linguagem dos textos,

analisar entrevistas e compreender a disposição física e estrutura das páginas é um aprendizado importante para o desenvolvimento do projeto proposto. Segundo Maria Faria Alice, é fundamental “iniciar os alunos na tarefa de observar, levantar dados, classificá-los e hierarquizá-los. Tomar conhecimento de aspectos externos e materiais de jornais e revistas” (2002, p. 42).

Ao aprender a identificar editoriais e entender os textos que se relacionam com as mesmas, o aluno será capaz de estabelecer conexões entre assuntos com maior facilidade. Acredito que na hora de produzir, não só uma obra jornalística, como também outros tipos textuais trabalhados nas instituições de ensino, como dissertações, por exemplo, o estudante certamente aprenderia a ter mais foco no tema central dos seus respectivos textos, tornando-o mais centrado e compreensível aos propósitos temáticos solicitado pelo educador.

Aprender a importância do impacto de um título de matéria, principalmente as presentes na capa e nas primeiras páginas das editoriais, faz com que o aluno aprenda e atribua maior valor ao fazer títulos de suas redações. Ao jovem estudante, entender que poucos caracteres textuais são capazes de pescar leitores para determinado texto é um aprendizado valioso, não só na escola, como, principalmente, no futuro profissional que o aguarda.

Ao analisar a capa de um determinado jornal, o aluno tem contato com o que é mais relevante na respectiva edição. Visualizar e compreender porque determinados assuntos ganham destaque na primeira página faz com que desenvolva noção de relevância, importante para estruturar textos e, também, administrar demais atividades.

Quanto às ilustrações e fotografias presentes em todo o periódico noticioso, é fácil notar a validade positiva desse instrumento informativo. Fotos são, quase sempre, mais impactantes do que os próprios títulos. A eficácia de capturar o leitor é surreal. Concordo veemente com o ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras”, principalmente quando há disposto uma fotografia impactante no veículo impresso noticioso. E, como é cada vez mais acessível o contato com câmeras digitais ou celulares que desempenham essa função, além do gosto pelas fotos cada vez mais presente nos jovens, desenvolver

fotografias para o jornal escolar não é problema. Na verdade, pode até ser uma solução, a partir do momento em que os alunos demonstram, muitas vezes, mais interesse e admiração por tirar fotos do que por produzir textos. Logo, têm muita utilidade como incentivo. A estudiosa Maria Alice Faria aplica que “fazer uma reportagem fotográfica é um trabalho que entusiasma os alunos e a redação de legendas é um exercício de língua dos mais úteis, pois exige uma boa observação da foto e precisão de síntese no texto” (1996, p. 106).

Já o infográfico é um atrativo diferenciado, mas também acredito ser o mais complicado de se trabalhar com alunos. Trata-se de um texto completo por si só, sem a necessidade de complementos e mais complexo do que as matérias tradicionais. E, por exigir a produção e mistura de ilustrações e desígnios com dados textuais, não pode ser facilmente elaborado. Requer habilidades especializadas que complicam o processo de produção em sala de aula.

Entender como as notícias nos jornais são estruturadas faz o aluno desenvolver melhor seu respectivo texto, além de, obviamente, praticar leitura com mais constância, que, por consequência, aumenta seu vocabulário, base cultural e noção de conhecimento mundano. Ao notar como funciona o *lead* e o restante de uma determinada matéria, trabalhada preferencialmente em pirâmide invertida (do mais importante para o menos importante), pode-se entender como as informações principais merecem maior destaque. Aprender a estruturar e editar o mais relevante é de muita utilidade em qualquer tipo de texto produzido por alunos, não necessariamente apenas para o jornal escolar.

Outro fator que pode ser notado e trabalhado na estrutura textual das notícias veiculadas em jornais impressos, é o que diz respeito ao tamanho do texto e o número de linhas. Como há uma série de deveres acadêmicos que limitam ou exigem uma quantidade exata de linhas, vale destacar a importância dos alunos notarem que isso também acontece no universo do jornalismo. Estudar a estrutura noticiosa mexe com o poder de edição dos estudantes, que aprendem a valorizar o que é mais importante no contexto e obedecer número de linhas.

Ainda sobre questões textuais que podem ser analisadas no jornal, acredito ser muito importante o apontamento, pelo educador, das características de gramática e literatura que envolvem o processo de produção das notícias. A imparcialidade do texto jornalístico deve ser destacada e pode trabalhar com o desenvolvimento de senso crítico. Ao elaborar textos para atividades acadêmicas, o aluno deve focar apenas no que foi proposto pelo educador e evitar demonstrar envolvimento emocional com a produção. Quero dizer que apenas deve escrever um texto sem adotar lados e mantendo-se centrado no tema principal.

Outra técnica jornalística de presença obrigatória em reportagens de qualquer veículo noticioso é a entrevista. Muito raramente sobrevive no âmbito profissional um repórter que não conversa e questiona fontes para obtenção de informações relevantes acerca de assuntos referentes em determinada matéria. As entrevistas têm poder de desenvolvimento pedagógico importantíssimo. Por meio da prática de perguntas, os alunos aprendem a necessidade de realizá-las de maneira mais objetiva e coerente para conseguir adquirir melhores informações. Além disso, o malefício da timidez pode ser combatido com a prática das entrevistas, tornando o estudante mais seguro em momentos de necessidade, no decorrer de sua vida. Maria Alice Faria também agrega à atividade de perguntas e respostas a importância de realizar anotações, para a doutora da USP “do ponto de vista do ensino, as anotações levam os alunos a praticarem a tomada de notas, atividade abandonada na escola e que vem fazendo muita falta ao estudante” (1996, p. 113).

A linguagem técnica apresentada nas obras jornalísticas pode servir de base para padrão adotado nas produções escolares, e correções das mesmas. Julgo ser essa uma das questões de maior benefício do uso do jornalismo nas escolas. O estudo da linguagem no jornal é capaz de desempenhar resultados satisfatórios quanto ao desenvolvimento textual do aluno. O educador deve apontar a importância de adquirir hábito de leitura para que o estudante note questões fundamentais para futuras produções. No texto jornalístico não contém gíria, a linguagem tende a ser clara, concisa e coerente, com evidente objetivo de que a mensagem seja recebida com perfeição pelo receptor. Isso

deve ser destacado para o aluno: a importância de escrever de uma maneira simples e coerente, capaz de passar a mensagem sem fugir do tema central.

E, por fim, para finalizar a primeira etapa do uso do jornal em sala de aula, o aluno precisa compreender a disposição física das páginas dos jornais. Isso tange à reunião dos demais itens apresentados até então. É necessário notar que a união de um título chamativo com uma foto impactante e um texto conciso e bem estruturado, respeitando sempre as margens e os espaços, resgata a atenção do leitor.

Após entender a importância de trazer o jornal para a sala de aula, posso, finalmente, entrar na segunda parte deste capítulo, que diz respeito ao processo de produção jornalística pelo aluno, sob a supervisão de um orientador.

Primeiramente, defendo a escolha de um jornal impresso em forma tradicional, ou também a possibilidade de fazer uma revista noticiosa, na escola. Apesar das muitas mídias e maneiras de fazer jornalismo presentes atualmente, acredito que um veículo impresso retém maior custo benefício. A produção de um impresso noticioso é mais palpável. Trabalhar com outras mídias, como TV, rádio e internet, exige ferramentas e recursos mais complexos, como mão de obra e equipamentos especializados, câmeras ou softwares de edição, e, conseqüentemente, demanda mais verba das instituições de ensino.

Logo de cara, três aspectos devem ser definidos para começar o jornal escolar produzido pelos alunos: tema, divisão de atividades e escolha dos editores (aqui seriam os chefes que vão organizar o conteúdo por página).

O tema, a ser apontado em consenso entre educador e alunos, deve escolher a linha editorial que o jornal seguirá. Compreendo que, acerca da temática, deve-se optar por assuntos que interessem preferencialmente os alunos, que serão os grandes responsáveis pelo resultado final do produto e, fatalmente, os maiores beneficiados. A vida na escola e cotidiana, interesses culturais comuns e assuntos relacionados às demais disciplinas escolares são exemplos de boas opções para serem desenvolvidas nas editorias.

Após decidir o tema do jornal, é imprescindível que seja dividido as atividades que cada aluno deve desempenhar nas editorias selecionadas. Nessa hora, aparece a figura do repórter. O jovem estudante precisa optar em quais assuntos quer realizar seu respectivo trabalho de reportagem. Como vimos, é fundamental que se encaixe em um tema que o interesse. Caso o número de alunos na turma seja muito elevado, é possível desenvolver duplas ou trios de repórteres, mas não é fundamentalmente aconselhável. Para arrancar o resultado mais satisfatório dos benefícios que o jornal escolar traz, a maior intensidade possível de deveres jornalísticos deve ser feita por um único estudante. Dividindo funções de apuração e produção de texto, é capaz do processo não atingir com a mesma qualidade.

Também se deve indicar a importância de fotografias e ilustrações para o jornal escolar e quem são os principais responsáveis por essa função. Alunos que demonstrarem mais interesse e disponibilizarem de câmeras, ou habilidades de desenho, devem abraçar essa parte ilustrativa. A meu ver, trabalhar com imagens prende a atenção e aumenta o foco do aluno.

Escolhidos os repórteres e fotógrafos, o professor precisa apontar os editores de cada editoria. Esse processo também implica questões pedagógicas e sociais. Os alunos precisarão trabalhar em grupo, interagindo constantemente com os colegas e respeitando hierarquias. Respeitar quem está em um cargo acima será implicado em todo o restante da vida profissional. Quanto às estas interações sociais, o jornal escolar desempenhar um papel satisfatório. Os editores escolhidos precisam auxiliar os repórteres com suas respectivas matérias. Cabe a eles dar ideias e corrigir e editar os textos. É uma função bem mais trabalhosa que as demais, mas o conhecimento e experiência adquirida valem a pena.

Cabe ao educador, conseqüentemente, após concluir as escolhas do tema, atividades dos alunos e editores, estabelecer metas, prioridades e prazos com os estudantes participantes da composição jornalística. Como sugeri a divisão do jornal escolar em duas etapas, uma a cada semestre e com a primeira que remete ao resgate do jornal convencional de veículos noticiosos em sala, também entendo que a segunda etapa deve começar assim que as

férias do meio do ano terminarem (mais ou menos na metade final de julho). O segundo semestre do ano letivo é suficiente para por em prática esse instrumento pedagógico, mas as metas estabelecidas precisam ser cumpridas para que não haja insuficiência dos resultados buscados.

Apono que nesse processo de produção, a divisão do semestre trabalhoso seja bem específica. Mas como as escolas por muitas vezes não seguem um padrão religiosamente seguido do calendário anual de aulas, não podemos indicar precisamente como deve ser feita a separação das metas e os *dead lines*. Porém, como um semestre letivo remete-se a quatro meses, o educador responsável pela orientação dos alunos e auxiliar do produto jornalístico tem tempo suficiente para exigir prazos de entrega. Isso faz com que os alunos aprendam a respeitar mais suas respectivas responsabilidades.

Nos dois primeiros meses, o aluno precisa apurar os dados do assunto para o qual foi designado, entrevistar pelo menos uma pessoa, promover fotografias, caso possa, e escrever um texto para que o professor orientador possa corrigir e auxiliar.

Pelas experiências que acompanhei, 45 dias é tempo suficiente para que todas essas atividades sejam completadas, devido características próprias do jornal escolar, que falaremos mais adiante. A produção de matéria jornalística sob a perspectiva de uma orientação adequada dos educadores inevitavelmente agrega benefícios imensuráveis ao que tange os desenvolvimentos acadêmico, social e intelectual do aluno.

Quanto a isso, Maria Alice Faria aplica que a reportagem feita em sala de aula “permitirá aos alunos desenvolverem texto mais criativo que o da notícia, onde se pretende ensinar os estudantes a levantar e usar dados com objetividade máxima” (1996, p. 103).

O próximo mês, o terceiro de quatro, pode ser utilizado para edição das matérias, a fim de terminá-las e as deixarem prontas para serem publicadas, e estruturação física e diagramação do impresso noticioso. Entendo que essa é a parte mais complicada do projeto. O processo de diagramar o jornal deve ficar a cargo do educador e de alunos que tenham facilidade com uso de softwares.

Mas como se trata de um jornal pedagógico, feito exclusivamente em instituições de ensino médio, obviamente não é obrigatório (e nem aconselhável) uma estruturação perfeita produzida por ambas as partes. Acredito que basta formatar o texto em uma fonte de fácil leitura, montar o título com tamanho e cor variado e acrescentar as fotografias e ilustrações. Não acho necessárias a criação de sutis, olhos, ou outras técnicas textuais e estruturais do jornalismo profissional.

Os primeiros dias do último mês letivo devem ser aproveitados para concluir o processo e efetuar a impressão do jornal, que deve ser feita em folha A4 simples. Vale lembrar que é apenas um instrumento pedagógico, nem de longe queremos comparar o jornal escolar com o tradicional vendido nas bancas de revistas. Produzir um impresso noticioso convencional é um processo complicado e técnico demais, evidentemente vai além de qualquer habilidade do aluno e do próprio educador orientador. As despesas da impressão devem ser arcadas pela instituição de ensino.

Definidas as metas e todo o restante do que cerca o universo produtivo do jornalismo, é hora de por a mão na massa, quanto à questão textual. Primeiramente, a produção do aluno precisa se enquadrar nos temas definidos ou em sua respectiva editoria. Deve ser um texto livre, simples e prazeroso para ser desenvolvido. Do jornal convencional, acredito que devem ser seguidos apenas os critérios de imparcialidade, priorização de relevância e linguagem mais padronizada. Caso essas três características consigam ser trabalhadas, os benefícios fatalmente serão imensuráveis.

Para o projeto de implantar o jornal escolar dar certo, e haver obtenção de resultados realmente satisfatórios, a figura do professor é fundamentalmente essencial. O educador precisa orientar de forma amena, paciente e sempre incentivar a curiosidade, senso crítico e leitura do aluno. Ao fazer a correção dos textos, deve apontar erros de português, indicar novas palavras ou termos, auxiliar no julgamento do critério de relevância e mostrar o que pode ser mais bem explorado pelo aluno. Deve corresponder às dúvidas de todos com o mesmo grau de atenção, sempre que necessário. Precisa estar informado nos assuntos que o cerca, ajudar na decisão dos temas e buscar

boas ideias para os textos dos alunos. Obrigatoriamente, para começar a usar jornalismo na escola, deve ler o maior número de veículos noticiosos possíveis e sempre destacar o que pode ser de interesse para o desenvolvimento do projeto. O educador, sem dúvidas, tem que se envolver da cabeça aos pés. Precisa demonstrar interesse e comemorar cada bom texto que apareça. Para Maria Alice Faria e Juvenal Zanchetta Jr.:

É grande e direto o papel dos professores nessas etapas de organização do jornal escolar. Há um importante trabalho de assessoramento dos alunos, que devem responder por suas responsabilidades. Cabe a eles um trabalho de retaguarda: precisam ser orientadores e sustentadores de tudo o que se fizer na elaboração e difusão do jornal (2002, p. 145).

Quanto à importância dos professores e educadores para orientação e, conseqüentemente, sucesso do projeto do jornal escolar, conversei com vários profissionais da área, para mostrar o que pensam a respeito do jornalismo em sala de aula. Beatriz Pereira, formada na Universidade de São Paulo (USP) em Pedagogia, tem experiência em trabalhar com crianças e jovens e acredita que novas fórmulas de educação sempre são válidas, devido ao sistema brasileiro que considera falho.

“O uso de novos instrumentos pedagógicos na escola sempre é válido, desde que ocorra de forma reflexiva, contextualizada e seja constantemente avaliado. Acredito que a pedagogia adequada é aquela que respeita e é eficaz para o aluno.”, revela a pedagoga.

Aryadne de Moraes Fernandes da Silva, também formada em Pedagogia pela USP, é professora do segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola particular de São Paulo. A pedagoga acredita que os alunos muitas vezes mostram-se desinteressados, “a evasão escolar, a repetência, o analfabetismo e o iletramento são provas disto”. Quanto ao uso do jornalismo em sala de aula, Aryadne revela ser uma opção viável. “O uso do jornalismo em sala de aula é um recurso extremamente interessante, pensando que estamos uma sociedade em que a informação transita com grande velocidade os alunos precisam ter contato com a linguagem deste gênero textual tão presente em

nosso dia a dia. Mais do que o simples contato, nossos alunos precisam aprender a analisar criticamente o que se encontra em um jornal. Além disto, produzir um jornal é uma boa forma de aprender a redigir textos informativos e objetivos”, aponta.

A professora Ana Medeiros, formada em Letras Português na Universidade de Brasília, considera ruim a metodologia pedagógica adotada no Brasil. Segundo Ana, “o sistema de educação do Brasil falha em vários fatores: preparação inadequada e valorização do trabalho dos professores, estrutura, organização, apoio e incentivo ao aluno”. Também acredita que o uso do jornalismo em sala de aula pode ser uma experiência admissível. “O uso de novos instrumentos pedagógicas nas escolas não só é válido como necessário. Em um mundo onde as crianças e adolescentes têm contato com várias formas de mídia, com as quais é possível tomar conhecimento sobre qualquer informação de qualquer parte do planeta, o quadro negro e a sala de aula são espaços muito limitados, que não envolvem esses cidadãos do mundo em desenvolvimento. O uso do jornalismo em sala de aula para leitura, análise e produção de jornal treina o olhar crítico do aluno, que passa a desconfiar do que lê, a pesquisar e a desenvolver seu próprio ponto de vista sobre as mais diversas questões”, revela a professora.

Para apontar a viabilidade do projeto e entender mais sobre o funcionamento de um jornal, vamos por passos rápidos. Produzir um jornal diário é algo que requer foco intenso de todas as partes envolvidas. É extremamente necessária a participação de todos os setores da empresa. Principalmente das áreas de Redação e Impressão, que devem estar sempre em sintonia e concentrados para realizar o fechamento diário das edições. O que não pode ser ignorado no jornal escolar. Os alunos responsáveis pelas reportagens precisam estar sempre interagindo com os de outras funções, como fotografia, edição e planejamento gráfico, e com os educadores que os orientam.

Ao comentar sobre jornalismo profissional e periódicos noticiosos, fatalmente a primeira função lembrada é a do repórter. O jornalista responsável pelas reportagens é o indivíduo que tem o poder de nos conectar ao universo

da profissão. As atividades desenvolvidas por estes profissionais são, mutuamente, os pontos de partida e de chegada para o sucesso da produção diária de notícias. O levantamento de pautas, apuração de informações, realização de entrevistas e a produção e edição de textos são funções do repórter, essenciais para o produto jornalístico.

O jornalista que elabora as reportagens também tem papel destacável quanto à escolha de pautas que serão veiculadas no jornal. Ou seja, pode decidir assuntos que serão base de conversas entre familiares e amigos. Quanto a essa característica, a *Teoria da Ação Pessoal* (também conhecida como do *Gatekeeper*) explica os principais aspectos. Nelson Traquinas diz que “nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos Gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o gatekeeper, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não” (2005, p. 150).

No jornal escolar, os alunos também podem escolher falar sobre assuntos que têm mais afinidade. Como repórteres, devem executar todas as atividades relacionadas à profissão, para adquirirem maior satisfação quanto aos aspectos de desenvolvimento acadêmico e social. Mas claro que não devem elaborar reportagens profissionais e repletas de linguagem técnica. E sim realizarem textos livres, prazerosos e sem obrigações. Cabe ao educador orientá-los quanto a isto e, caso necessário, estabelecer prioridades e padrões para correções.

Além do repórter, para o jornalismo profissional conseguir cumprir as metas diárias, a área relacionada à impressão do periódico noticioso também precisa funcionar de maneira correta. No jornal escolar, os alunos e o orientador precisam se responsabilizar pela veiculação, sempre com materiais cedidos pela instituição de ensino. Para o sucesso da impressão da versão escolar, basta corresponder às datas estipuladas pelo educador, no início da segunda etapa do projeto, como vimos anteriormente.

Para finalizar o jornal, tanto escolar quanto profissional, obviamente é necessária a distribuição das edições para os leitores. Nas escolas, quando

prontas, tanto a produção quanto a impressão, as publicações noticiosas devem ficar disponíveis para leitura de todos os envolvidos, seus familiares e membros e colegas da instituição de ensino. Exibir o jornal em murais, biblioteca e salas de leitura é fundamental para o reconhecimento do trabalho e para incentivo dos alunos de toda escola.

Após mostrar tudo sobre o manuseio jornalístico em sala de aula, como o projeto deve ser dividido em duas etapas, a importância e os benefícios de resgatar o jornal convencional para análise e leitura com os alunos, como deve ser produzida a versão escolar, a função fundamental do professor orientador e as opiniões de alguns profissionais da área, evidencio como é viável a implantação do jornalismo nas instituições de ensino. Não há dúvidas de que, se utilizado da maneira correta, como mostrei neste capítulo, o projeto é capaz de resgatar uma série de benefícios pedagógicos e psicológicos para os alunos.

A respeito da implantação do projeto de fato nas escolas, as perspectivas futuras mostram-se razoáveis. No capítulo a seguir, mostrarei que um projeto relacionado ao jornalismo nas instituições de ensino, elaborado por um grande veículo noticioso, já está em prática e apresenta resultados palpáveis.

5. Projeto “Leio e Escrevo Meu Futuro”

No capítulo anterior, defendi o sucesso do jornal escolar na divisão de duas etapas: apresentação de um impresso noticioso aos alunos para análise e compreensão e produção de uma versão própria e adequada, ambas sob orientação dos educadores.

A respeito da primeira parte do processo, resgate do jornal em sala de aula, uma iniciativa elaborada por um grande veículo noticioso, em Brasília, aponta resultados eficientes. O projeto “Leio e Escrevo meu Futuro”, organizado por uma equipe do Correio Braziliense, um dos jornais de maior tiragem do Brasil, juntamente com a Secretaria da Educação do Distrito Federal, visa inovar a prática da leitura e da escrita nas escolas, levando impressos para a sala de aula para serem usados como recurso pedagógico. O projeto é destinado a alunos do 6º ao 9º ano da rede pública de Ensino de Brasília.

O projeto foi idealizado e implantado em 2009 e contou com a participação de 199 escolas. Em 2011, o “Leio e Escrevo meu Futuro” atinge seu terceiro ano de implantação e atenderá diretamente 207 instituições, mais de 160 mil alunos e cerca de 5 mil professores, com a contribuição de notícias diárias para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Ao fim do ano letivo, o principal objetivo é que o aluno participante adquira conhecimento em elaboração de textos, interpretação e análise de conteúdos diversos, fluência na comunicação e coerência nas ideias.

Além desses aspectos trabalhados com os estudantes, o projeto também é responsável por oferecer aos professores e alunos um estudo de campo nas dependências do Correio Braziliense, para conhecer a estrutura do jornal e o Centro de Documentação histórica (Cedoc), a Fundação Assis Chateaubriand, as rádios Clube AM e Clube FM, além do Parque Gráfico, Redação, Editoria de Arte.

Quanto ao conteúdo pedagógico, é realizada com profissionais de ensino a disseminação de técnicas hemeroteca (uso pedagógico do jornal em sala de aula), técnicas de produção textual e de reciclagem, com objetivo de formar

estudantes cada vez mais atualizados, críticos e conscientes. O intercâmbio cultural presente também merece ser destacado.

A iniciativa social funciona da seguinte maneira: diariamente, o veículo noticioso disponibiliza exemplares de seu respectivo jornal, da edição mais recente, para todas as escolas do ensino público do Distrito Federal que mantenham turmas de 6º ao 9º ano. Ao todo, 7.562 edições destinam-se aos alunos e professores das instituições de ensino participantes. Entre segundas e sextas-feiras, os exemplares chegam às mãos dos beneficiados nas próprias escolas. Já nos sábados e domingos, os jornais impressos são enviados às residências dos estudantes e educadores.

A quantidade de exemplares por escolas varia bastante. Há aquelas que recebem apenas quatro edições por dia, e outras que dispõem de até 80 jornais. Essa divisão leva em consideração o número de turmas e alunos que há em cada instituição. Racionalmente, um exemplar impresso pelo Correio Braziliense, destinado ao projeto social, atende 19 alunos.

Após recebidos nas escolas, os jornais podem ser utilizados por educadores de qualquer disciplina. Obviamente, o professor de Língua Portuguesa ainda é o que mais faz uso do projeto social em sala de aula. Contudo, muitos outros profissionais, como os de Matemática, Educação Física e Geografia, por exemplo, também adotam esse recurso em seus respectivos métodos de ensino. Um professor de Matemática facilmente pode usar a editoria de Economia para resgatar questões de porcentagem, entre outras.

Quando chegam às salas de aula do Distrito Federal, os jornais instrumentam variados métodos pedagógicos. Os alunos podem utilizá-lo para realizar leitura de matérias, reescrever textos com uso de outras linguagens e estilos literários diferenciados, montar murais, aprender sobre reciclagem, elaborar clipagem, aprender a separar pautas, levar às salas de leitura e aproveitar o conteúdo para adquirir conhecimento cultural acerca de uma enorme variedade de assuntos. Cada instituição de ensino aproveita o uso do jornal da maneira que achar melhor. No centro de Brasília, a Escola Classe 306 Norte e a Escola Classe 104 Norte se destacam quanto à utilização do jornal em sala de aula.

Para incentivar ainda mais o interesse e implantação do jornalismo nas escolas, o projeto organiza um concurso de produção textual, com rigor de avaliação técnica, que premia 1.000 participantes, entre alunos, educadores, coordenadores, supervisores pedagógicos, coordenadores intermediários, diretores de escolas e diretores de regionais de ensino.

Os resultados obtidos nos dois primeiros anos do “Leio e Escrevo meu Futuro” são bastante expressivos. Preparei uma pequena tabela para análise:

DADOS DO CONCURSO.	2009	2010
Nº de alunos atendidos	140 mil	145 mil
Nº de escolas atendidas	199	209
Nº de inscritos no concurso	61.772	84.676 (aumento de 37%)
Nº de categorias no concurso	11	13
Nº de prêmios	1.000	1.058

Logo, um total de 285 mil alunos, em 2009 e 2010, no Distrito Federal, já foi beneficiado com os aspectos resgatados com o jornalismo nas escolas, mostrados ao longo de todo nosso trabalho. O número de inscritos no concurso do “Leio e Escrevo meu Futuro” fatalmente aponta o sucesso desse instrumento pedagógico. Ao todo, nos últimos dois anos, foram ao menos 146.448 pessoas, entre alunos e educadores, explicitamente interessados e envolvidos. Em 2011, esses números tendem a aumentar.

A iniciativa do “Leio e Escrevo meu Futuro”, juntamente com os objetivos alcançados, por consequência aponta como favorável e viável o uso do jornal escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste projeto, nos cinco capítulos desenvolvidos, tentei expressar o grau de eficiência e importância da utilização do jornalismo em sala de aula para o desenvolvimento do aluno. Indiquei uma série de aspectos pedagógicos e psicológicos que fatalmente podem ser mais bem trabalhados com a implantação desse recurso pedagógico. Impliquei, também, a função fundamental dos educadores para orientação de seus respectivos pupilos.

A educação é fator primordial para formação de cidadãos críticos. Com auxílio de instrumentos pedagógicos eficientes, esse desenvolvimento pode ser mais bem lapidado. Acredito que, ao usar o jornal escolar, os alunos adquirem uma oportunidade excepcional de exploração do mundo cotidiano que o cerca, entre outros muitos benefícios. Os estudantes têm contato com materiais que devem aprimorar seus vocabulários e técnicas textuais, e ajuda na realização de pesquisas de conteúdo. Há, também, o incentivo constante à leitura e produção de textos, o que auxilia a formação de cidadãos cada vez mais críticos, preparados e atentos. O pilar cultural presente no jornalismo serve de base para troca de experiências pessoais, pontos de vista, perspectivas e conhecimentos mundanos. Leituras sistematizadas e frequentes fatalmente possibilitam a compreensão e interpretação de textos e o desenvolvimento da escrita.

Neste projeto, aponte fundamentações teóricas de vários estudiosos da área para avaliar o sucesso do jornal escolar. Para isso, tive de estudar e ler muito, principalmente acerca de Educação, Pedagogia e jornalismo, para entender e compreender todos os fatores do complexo universo que engloba os sistemas educacionais cotidianos. Conversei com muitos profissionais para analisar se a adequação do jornalismo em sala de aula seria um instrumento viável para suprir as falhas pedagógicas do sistema brasileiro. E procurei projetos sociais relacionados ao tema que apresentassem resultados satisfatórios. Ou seja, construir esta monografia foi um processo muito trabalhoso e que envolveu muito tempo, o que não quer dizer que tenha sido ruim de ser feito. Muito pelo contrário, o prazer em realizar este projeto

ultrapassou qualquer barreira dispendiosa. Trabalhar com o que gosto foi um incentivo imensurável.

BIBLIOGRAFIA

ALDÉ, Alessandra. *A Construção da Política: Democracia, Cidadania e Meios de Comunicação de Massa*. Editora FGV, 2004.

BASILE, Sidnei. *Elementos do Jornalismo Econômico*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 22ª ed, Editora Ática, 2009.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

FARIA, Maria Alice. *Como usar o Jornal na Sala de Aula*. 7ª ed., São Paulo: Editora Contexto, 2002.

FARIA, Maria Alice. *O Jornal na Sala de Aula: a organização de um jornal, leitura crítica, redação escolar e linguagem da imprensa*. 7ª ed, São Paulo, Editora Contexto, 1996.

FARIA, Maria Alice. ZANCHETTA, Juvenal Jr. *Para ler e fazer o Jornal na sala de aula*. São Paulo, Editora Contexto, 2002.

FREINET, Celéstín. *O Jornal escolar*. Trad. Filomena Quadros Barros. Lisboa: Estampa, 1974.

YIN, Robert. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.